



Educação Popular segundo Paulo Freire¹

Geraldo Perez²

PREFÁCIO

. . . Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que que é educação?” Tá certo. Tá bom. O que quer penso, eu digo. Então veja, o senhor fala “Educação”, daí eu falo “educação”, A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer, é uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “é a mesma coisa? e do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não.

Educação (. . .) Quando o senhor chega e diz “educação”, vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala, vem dum outro lugar, de um outro mundo.

(. . .) Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Estudo, foi estudo regular, um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudá num doutor, num. professor, num. sujeito de muita valia?

Agora, se eu quero lembrar da minha “enxada”. Se eu quero lembrar “trabalho”. E eu hoje só dou conta de um lembrarzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho...

Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada, e quem não teve um estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Pra quê? **Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça, o estudo de escola e de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura**”(. . .). O grifo é nosso.

¹ Digitalizado por Adriana Richit e Andriceli Richit.

² Professor do Departamento de Matemática - IGCE - UNESP - Rio Claro - Doutorando pela Faculdade de Educação – UNICAMP

O senhor faz pergunta com jeito de quem já sabe a resposta. Mas eu explico assim: **A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, e pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber da sua gente e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo?** (o grifo é nosso)

(. . .) **Então, “educação”.** **É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha?** (grifo nosso). Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, a filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando, cantando. . . tocando. . . Agora, nisso tudo tem um estudo. Um tipo dum estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola, não tem um professor assim na frente, com o nome “professor”. Não tem. . . Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido. Quem vai chamar isso aí de uma educação? Mas tem, não tem?

Agora o senhor chega e diz: “Ciço, e uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?”. Esse eu queria ver explicado. O senhor fala: “Eu tô falando duma educação pro povo mesmo, um tipo duma educação dele, assim, assim”, Essa eu queria saber como é Tem? Aí o senhor diz que isso bem podia ser feito; tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí eu pergunto: “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?”

Antônio Cícero do Souza. Antônio Ciço, Tonho Ciço e ainda Ciço, e lavrador de sítio na estrada entre Andradas e Caldas, no sul de Minas Gerais.

(Retirado, em partes, do prefácio do livro “A Questão Política da Educação Popular”, de Carlos R. Brandão, Ed. Brasiliense, 3ª ed., 1982).

Uma reflexão sobre esse texto e, fundamentalmente sobre as frases que grifamos, nos levou a buscar o Método Paulo Freire que parece responder a muitos dos questionamentos feitos pelo Antonio Cícero e no qual a cultura, conhecimento, vocabulário e modo de vida da zona rural e da periferia das cidades são preservados e não substituídos por aquilo que “o professor” vai trazer da cidade, com suas cartilhas e materiais prontos que não tem a ver com a vida no campo ou nos arredores das cidades.

1. Introdução

Sem negar as filosofias que tiveram influências em sua doutrina pedagógica, o forte da forma de Paulo Freire pensar e agir nasceu de sua vivência, de seus trabalhos, de suas experiências, de sua intimidade com as dores, a pobreza, as injustiças sociais dos milhares de pessoas a quem dirige a sua Educação como prática da liberdade, visto que o homem oprimido vive cansado de termos, expressões e fórmulas que o mantêm sob opressão. Somente através de uma práxis da libertação surgirá um mundo novo, de homens não mais dominados por um sistema de injustiças e explorações, uma sociedade mais humana.

O diálogo de amor, carinho e bondade, que Paulo Freire trouxe de seus pais, assim como o respeito pelas coisas alheias, fizeram brotar nele uma forma de libertação do homem.

Após o casamento com uma professora primária, e depois diretora, Elza Maria C. Oliveira, Paulo Freire passou a se interessar mais pelos assuntos ligados à Educação. Ocupou o cargo de Diretor e depois Superintendente do Departamento de Educação e Cultura do SESI, em Recife. A partir daí (1946-1955), e principalmente após 1961, preparou seu método de alfabetização através de uma conscientização, levando em conta as necessidades humanas, políticas e educacionais dos educandos. Paulo Freire sempre foi contrário aos métodos de manipulação do educando, preferindo criar uma consciência política dos alfabetizados, visando a uma libertação que fizesse do homem ser o sujeito de sua história e não apenas um objeto nas mãos de educadores opressivos e dominantes.

O seu grupo de trabalho teve início em Angicos, RN, com a alfabetização de 300 trabalhadores em 45 dias, causando repercussão em todo o país. O objetivo era capacitar coordenadores para trabalhar em círculos com no máximo 30 alunos cada qual, com prazos de 2 meses para alfabetização, visto que, na época de 1963-64, o Estado do Rio Grande do Norte, com 25.000.000 de habitantes, possuía 15.000.000 de analfabetos.

Esse método de alfabetização buscava ensinar a ler e escrever, conscientizando o indivíduo para uma participação consciente e crítica na realidade política do país, deixando de ser vítima de explorações opressivas, enganadoras e dominantes dos retentores do poder. “Nesse método, a alfabetização e a educação do indivíduo caminham “pari passu”, em total interação, levando o educando a assumir consciência da realidade, a “ser mais” sujeito de seu agir e de sua história. Porém, para o homem

poder ser mais, ele deve ter um conhecimento crítico da realidade, objetivá-la e inserir-se criticamente na mesma”. (S. Jorge, 1981). O homem sente então que deve assumir um compromisso histórico, que é o da transformação da realidade, visando à existência de um povo consciente e livre, criador de sua cultura e de sua história.

Porém a revolução militar de 1964 interrompe o trabalho de Paulo Freire, impondo-lhe um processo policial-militar, acusando-o de “subversivo” e “traidor de Cristo e do povo brasileiro”, comparando seu método pedagógico aos de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini. Ficou preso durante aproximadamente 70 dias, recebendo depois exílio na Bolívia, e daí ao Chile. Neste país assessorou diversos projetos de alfabetização promovidos pelo governo, até que a UNESCO, pelos altos resultados obtidos, concedeu ao Chile uma distinção especial, colocando-o entre as cinco nações que, na época, melhor superaram o problema. Em 1969, Paulo Freire é nomeado pela UNESCO como um “expert” em questões de Educação e, nessa época, ministrou durante vários meses cursos na famosa Harvard University nos Estados Unidos. Passa a ser também consultor de Educação do Conselho Mundial de Igrejas e, em 1971, foi um dos membros criadores do IDAC (Institut d'Action Culturelle) em Genebra. Recebeu Prêmio Internacional da UNESCO em 1975, assim como diversas honrarias nas Universidades do Louvain (Bélgica), Genebra (Suíça), Michigan (USA), e a Universidade Livre de Londres (Inglaterra), pelos relevantes serviços prestados a comunidade de todo o mundo. No entanto, fora expulso do Brasil sob acusação de “traidor” e “subversivo”, por causa das suas pesquisas pedagógicas.

Após 15 anos de exílio e nos últimos tempos ter assessorado Projetos de Educação na Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Ilha de São Tomé, Paulo Freire retornou ao Brasil, em 07/08/1979.

Um seu amigo, Almino Afonso, político atuante, publicou no jornal Folha de São Paulo (7.8.79), sobre a sua chegada: “Chega hoje a São Paulo, depois de mais de 15 anos de exílio, o Professor Paulo Freire. A muitos, seguramente, há de causar estranheza que um educador, desvinculado de uma militância política em seu sentido estrito, tenha estado impossibilitado de regressar a terra durante tanto tempo. Nada, porém, mais antagônico do que a figura luminosa de Paulo Freire e o obscurantismo do regime autoritário. Aquele a romper, através de sua pedagogia como prática da liberdade, a visão ingênua do analfabeto, despertando-lhe (numa interação entre o educador e o

educando) a consciência crítica diante da sociedade em que está inserido, permitindo-lhe a descoberta de sua própria identidade social e, em consequência, de seu papel como homem e como cidadão; enquanto este outro, o regime do arbítrio, a recorrer à prepotência e à mistificação, buscando por todos os meios impedir o esclarecimento do povo e a livre definição de seu próprio destino (. . .). Hoje, passados quinze anos de exílio, retorna o Prof. Paulo Freire, com uma bagagem carregada de serviços prestados aos povos da América Latina e da África, com uma obra consagrada em sucessivas edições, em vinte idiomas, . . . com uma grandeza que decorre, sobretudo, de haver posto sempre o seu pensamento a serviço da libertação do homem. Eu sei que na história de todos os povos sempre há um General Millan Astray: “Abajo la inteligencia y viva la muerte”. Ao menos hoje, apaguemos da memória esses anos de pesadelo. O País amanheceu mais luminoso: Paulo Freire chegou”.

2. Objetivos

O Método Paulo Freire não é apenas um novo método, mas, através dele, uma nova forma de “sentir o mundo”, uma nova esperança no homem. Uma nova crença, também, no valor e no poder da educação.

É uma educação criativa que visa a libertar o homem, mais do que, apenas, a ensiná-lo, a torná-lo “doméstico”.

3. Justificativa

Na obra de Paulo Freire, o homem é o sujeito da educação, como elaborador e criador do conhecimento, evidenciando-se, porém, que a interação homem-mundo e sujeito-objeto é imprescindível para que o ser humano se desenvolva e se torne sujeito de sua práxis. O homem se vê inserido num contexto sócio-econômico-cultural-político. Neste sentido, a educação deve levar em conta tanto a vocação ontológica do homem (vocação de ser sujeito) quanto as condições nas quais ele vive (contexto). Quanto mais o homem reflete sobre a realidade, sobre sua própria condição concreta, mais se torna consciente, comprometido com a mudança da realidade. A ação educativa deverá dar condições de promover o indivíduo, e não apenas ajustá-lo à sociedade. Nessa visão

sócio-cultural, uma situação de ensino aprendizagem deverá superar a relação opressor-oprimido. A educação conscientizadora objetiva o desenvolvimento da consciência crítica e a liberdade. O diálogo é a essência deste modelo educacional.

O professor aceita seus alunos como eles são, expressando livremente seus sentimentos e atitudes, planejando as atividades de ensino com os alunos. A atmosfera da “sala de aula” deve ser livre de tensões emocionais. A maior preocupação do aluno é sua auto-realização.

A forma de manter o educando dinâmico no processo educacional é através de uma motivação intrínseca, pois o indivíduo tem uma tendência natural para desenvolver “as suas aptidões”. O processo de mudança dirige-se para auto-realização, Assim, a “escola”, para sobreviver, tem de facilitar a aptidão a essas mudanças. O homem que se educa é aquele que aprende a aprender, aprende a se adaptar e mudar. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que o professor pode confiar no aluno, confiar no seu desejo de aprender, na sua capacidade de auto-avaliar-se, na sua busca espontânea de progresso social. O professor não ensina, mas facilita a aprendizagem, que pode ter início em perguntas, curiosidades ou fatos levantados pelos “alunos”.

O trabalho de Paulo Freire nos mostra como, partindo da realidade do educando, se consegue o envolvimento das pessoas no processo ensino-aprendizagem. Sua abordagem parte sempre da motivação intrínseca dos indivíduos, que, num momento histórico, visam a uma transformação social. Enquanto nossas escolas estiverem ministrando conteúdos distanciados da realidade do educando, estaremos distantes também de “fazer educação”.

Direito ao estudo, acesso à cultura, não só para ganhar mais, mas também para poder conquistar um maior poder de decisão e de liberdade para viver melhor, é o pensamento da grande maioria dos trabalhadores. Revela-se aqui o desejo de assumir um compromisso com a sociedade agindo e refletindo sobre o seu papel, como um ser imerso no mundo, a fim de poder, com suas ações, colaborar com a transformação da realidade.

“O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, “ensopados”. (Freire, Paulo, 1979).

Em **Vivendo e Aprendendo** (P. Freire, 1985, cap. 2), trabalhadores italianos

buscam, dentro de uma experiência político-pedagógica, o direito de estudo para esse “viver melhor”, conseguindo constar em contrato, num prazo de 3 anos, o total de até 150 horas deduzidas do tempo de trabalho e pagas pelo patrão, para estudar. Tem-se, numa conquista coletiva da classe trabalhadora, os operários dizendo o que eles querem para melhorar sua educação.

No trabalho realizado na Guiné-Bissau, com alfabetização de adultos, numa população composta de mais de 20 povos ou “etnias”, com um povo lutando após sua independência por uma reconstrução nacional e um processo de edificação de uma nova sociedade, e com a atuação de dois sistemas educacionais contraditórios: uma escola autoritária e estrangeira e outra escola integrada no trabalho produtivo e na vida do povo, numa população com alto grau de analfabetismo, onde as dificuldades foram enormes. O processo de alfabetização nos bairros de Bissau teve um lento progresso, e a desmobilização foi bem elevada. Tornou-se um processo individualista e utilitário. O povo queria uma transformação da realidade, porém não se distanciando do seu meio de origem, o que dificultava a integração com a alfabetização. Outro problema foi alfabetizar em Português, língua oficial do país, para os diferentes grupos étnicos. Na busca do universo verbal e temático da região, uma das palavras-chave, fortemente carregada de conteúdo emotivo, político e existencial, foi LUTA. Buscaram-se documentos, fotografias, confecções de cartazes, mais inclinados para o lado de humor do que materiais sérios, sisudos. Apesar de dificuldades nos costumes da região, buscou-se audiovisual com músicas que fossem conhecidas do povo e dos pesquisadores, assim como costumes, crenças e tradições.

O desenho de humor é um instrumento que pode ajudar na tarefa de decodificação da realidade, pode mostrar coisas irrealizáveis, utilizar a linguagem dos sonhos, reorganizar a realidade, além de fazer rir, tendo como objetivo a verdadeira natureza escondida do que se quer mostrar.

Sobre a experiência realizada em São Tomé e Príncipe, que ficam no golfo da Guiné, costa ocidental da África, logo após sua independência do jugo português, Paulo Freire (1980 a, e 1984) relata acerca de “Cadernos de Cultura Popular” que foram preparados para ajudar na alfabetização do povo, assim como na pós-alfabetização. São escritos em linguagem simples, baseados em temas levantados pela própria comunidade, não assumindo assim o papel de cartilhas ou manuais pré-fabricados, que

não têm qualquer ligação com a vida daquele povo. Esses cadernos mostram com clareza, na fase de pós-alfabetização, nos textos apresentados, a presença de verbos importantes no presente do indicativo, no futuro, etc, porém sem nenhuma definição do que é verbo ou dos seus modos, tempos e pessoas. Observa-se também o uso de pronomes pessoais subjetivos e objetivos, sem que se faça, contudo, alusão a princípios gramaticais. Alguns textos retratam estórias populares que passam de geração a geração, provocando debates sobre a cultura do povo, mas também, em muitos casos, sobre a presença de uma ideologia do poder dominante.

Após o primeiro “Caderno de Cultura Popular”, os demais procuram reforçar sempre que é muito importante o “ato de estudar”, pois só assim haverá uma educação consciente e significativa. Esse ato de estudar aparece em quase todos os textos quando, em seu final, aparecem frases do tipo:

É praticando que se aprende.

Vamos praticar.

Escreva sobre o que leu.

ou então:

Praticar sempre para aprender

e

aprender para praticar melhor.

Ao solicitar que o “aluno” estude em casa, busca-se todo o saber que o povo possui, o qual é o ponto de partida para o trabalho de educação popular orientado no sentido da criação de um conhecimento mais rigoroso por parte das massas populares (Freire, P., 1984). Com isso, combatemos a posição ideológica de que só se estuda na escola, e que ela é vista como “a” matriz do conhecimento. O trabalho de conscientização política do povo fica claro nesses cadernos, quando se vêem temas a serem estudados tais como: reconstrução nacional, trabalho e transformação do mundo, a luta de libertação, a sociedade nova, a ação de transformar, etc. São temas que fazem parte da vida do povo, obtendo assim a participação maciça nas discussões e cada vez mais uma pós-alfabetização. Os temas aqui sugeridos, de libertação e construção nacional, mostram nas discussões a posição das massas populares como sujeito,

também, da sua história, em busca de uma sociedade nova, que não resulta de um ato mecânico, mas da força e luta de todo um povo consciente, que não deseja mais ser explorado, nem explorar. Uma sociedade em que não haja privilégios para os que trabalham com a caneta e só obrigações para os que trabalham com as mãos, nas roças e nas fábricas.

“O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes, e entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação, Implica não uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial - coisas mortas ou semimortas, mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Somente assim a alfabetização de adultos tem significado. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os meios com os quais possa alfabetizar-se.

Por isso a alfabetização não pode fazer-se de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, somente ajudado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de se fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como observa Celso Beisiegel, o conteúdo da aprendizagem com o processo da aprendizagem. Por essa mesma razão não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais a condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma” (Freire, P., 1979).

4. Metodologia

É um método que visa a alfabetizar grupos de pessoas, que podem ser de tamanho médio com. aproximadamente 20 a 30 participantes, mas também podem ser formados por poucas pessoas, como 3 a 5 participantes, em geral bem simples

(lavradores por excelência), de dentro para fora, através de seu próprio trabalho. Tendo o iniciado em Pernambuco, a intenção foi estendê-lo para todo o Brasil, onde houvesse grupos interessados em fazer repasse, tais como o Centro de Cultura Popular, Movimentos de Educação de Base, Movimentos Populares de Cultura, etc., e onde houvesse grupos de educadores, professores, estudantes e interessados em difundir a educação popular.

Não usar método e material da fala do professor, com cartazes, cartilhas e cadernos de exercícios prontos por ele. Mas, sim, trabalhar em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro.

IDÉIA: ninguém educa ninguém, e ninguém se educa sozinho. É preciso tomar a educação como um ato coletivo, solidário.

EDUCAR: é uma tarefa de troca entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a auto-educação e um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire, “Nem educando”. De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se aprende. A relação professor-aluno é horizontal e não imposta. Quando esta relação não se efetiva, não há educação. “Um professor engajado numa prática transformadora procurará desmitificar e questionar, com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste (. . .), criando condições para que, juntamente com os alunos, a consciência ingênua seja superada, e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem” (Mizukami,1986).

Neste processo não há um professor, mas um animador (coordenador) dos debates, em que todos ensinam e aprendem.

É um processo onde se torna necessário conhecer o “mundo” onde as pessoas vivem, compreendê-lo e, a partir daí, preparar o curso. É preciso a comunidade aceitar envolver-se com o trabalho de alfabetização, de forma coletiva, co-participante da construção do conhecimento da realidade local e não esquecer a idéia de que há um **universo de fala** da cultura da gente do lugar, que deve ser investigado, pesquisado, levantado, descoberto. Para isso, parte-se para uma pesquisa (levantamento) junto à comunidade (gravando, se possível), habitando-a se necessário for, e buscando

informações sobre sua vida, sobre casos acontecidos, sobre o trabalho, sobre modos de ver e compreender o mundo. Buscam-se os vocábulos mais usados pela população a se alfabetizar. Só que toda essa descoberta e registro desses fatos não deve servir apenas para que os pesquisadores obtenham material para a alfabetização, mas, sim, deve servir também para criar, com a comunidade, **um momento comum de descoberta**. E aí começa, neste método, o trabalho de co-participação entre educador-educando, ou seja, agentes da educação e as gentes da comunidade”.

A codificação inicial consiste numa espécie de figura, um desenho representativo de uma situação existencial real ou construída pelos alunos. Tem-se representado uma realidade dos indivíduos. O que consistia numa maneira de viver, no contexto real, e transformado num objeto de contexto teórico. Os alunos poderão receber informações e analisar os aspectos de sua própria experiência existencial que foi representada na codificação.

Usando debates constantes dentro do grupo, Paulo Freire delineia seu método de alfabetização em cima das seguintes características: ser ativo, diálogo e crítico, criando um conteúdo programático próprio e usando técnicas tais como redução e codificação. O diálogo implica relação horizontal de pessoa a pessoa, sobre alguma coisa, e nisto reside o novo conteúdo programático de educação. É necessário ter em mente que a “leitura” do concreto, o desvelamento do mundo são um direito do povo, não devendo o indivíduo ficar reduzido à simples leitura mecânica das palavras.

“A palavra é vista em duas dimensões: a da ação e a da reflexão. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí se afirmar que dizer a palavra verdadeira consiste em transmitir o mundo e em transformá-lo. A palavra destituída de ação trans forma-se em verbalismo. Quando, porém, se enfatiza a ação, sem reflexão, a palavra se converte em ativismo. E a ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega a práxis verdadeira, impedindo o diálogo. Qualquer destas dicotomias gera distorções no pensar. Somente através do diálogo será possível democratizar a cultura” (Mizukami, 1986).

4.1. As fases do processo

O Método de Paulo Freire implica as seguintes fases: levantamento do universo vocabular dos grupos com quem se trabalha; escolha das palavras geradoras; criação de

situações existenciais típicas do grupo que será alfabetizado; criação de fichas-roteiro e elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores, contendo as famílias fonêmicas, e utilizada para a descoberta de novas palavras com aquelas sílabas. Na fase de alfabetização, buscam-se palavras geradoras e, na pós-alfabetização, temas geradores.

Considerando que a abordagem do Paulo Freire vê a educação como um processo contínuo de tomada de consciência e de modificação de si próprio e do mundo, percebem-se claramente suas profundas implicações, não apenas no processo de alfabetização, mas em todo o ensino de 1º, 2º, 3º graus.

A alfabetização só tem sentido quando os indivíduos, após questionamentos e reflexões, sentem necessidade de aquisição de conhecimento e sobre a sua capacidade de ajudar a transformar o mundo. O homem, embora analfabeto, descobre suas próprias ignorâncias e, por isso, sente ser necessária a alfabetização.

Nos vocabulários que figuram nos arquivos do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, e que concernem aos setores rurais e urbanos do Nordeste e do Sul do país, não são raros os exemplos como os seguintes (Freire, P. 1979 e 1980)

- “Janeiro em Angicos - disse um homem do sertão do Rio Grande do Norte - é muito duro de se viver, porque janeiro é cabra danado para judiar de nós”.
- “Quero aprender a ler e a escrever - disse um analfabeto do Recife - para deixar de ser a sombra dos outros”.
- E um homem, em Florianópolis, ao descobrir o processo de emergência do povo, característico da transição brasileira, concluiu: “O povo tem uma resposta”.
- Outro, com um tom tristonho: “Não sonho por ser pobre, mas por não saber ler”.
- “Quero aprender a ler e a escrever para mudar o mundo”, afirma um analfabeto. . .
- Um ex-analfabeto, em Angicos, declarou, em um discurso ao presidente Goulart, que “ele não era mais massa e sim povo”. Afirmou-se a si mesmo, consciente de uma opção. Havia escolhido a participação na decisão, que só o povo possui, e havia renunciado à dimensão emocional das massas. Havia-se politizado.
- “Faço sapatos - disse certa vez um deles - e descobro agora que tenho o mesmo valor do doutor que faz livros”; “amanhã -afirmou outro, ao discutir o conceito de cultura - vou entrar no meu trabalho com a cabeça erguida”. Era um simples varredor de ruas que descobriu o valor de sua pessoa e a dignidade de seu trabalho. Afirmava-se !

4.2. O desenvolvimento do processo

Com todo o material gravado e registrado, pessoas conhecidas, grupos formados, buscam-se das frases mais significativas **palavras geradoras** que constituirão o miolo do método. Todavia, é necessário que essas palavras mostrem:

- “1. a riqueza fonética da palavra geradora;
2. as dificuldades fonéticas da língua;
3. a densidade pragmática do sentido”.

Pelo método, 15 a 20 palavras são o bastante como ponto de partida e devem estar intimamente relacionadas com a cultura local como por exemplo: “enxada, lavoura e chuva para o agricultor, assim como favela, tijolo e salário para operário”.

Um exemplo concreto do método mostra que “em Cajueiro Seco no Recife, no começo dos anos 60, a equipe escolheu as palavras; tijolo, voto, siri, palha, biscate, cinza, doença, chafariz, máquina, emprego, engenho, mangue, terra, enxada, classe. Para uma colônia agrícola na cidade do Cabo, em Pernambuco: tijolo, voto, roçado, abacaxi, cacimba, fome, feira, milho, maniva, planta, lombriga, engenho, guia, barracão, charque, cozinha, sal”.

As palavras geradoras são colocadas em ordem crescente de dificuldades fonéticas, guardando entre si informações que serão decodificadas pelos grupos com a colaboração do coordenador. Através de debates, os grupos vão-se conscientizando para que, ao mesmo tempo, se alfabetizem. No processo, a palavra é decodificada, visualizada, estabelecido um vínculo entre ela e o objeto a que se refere para após aparecer escrita sem o objeto que representa, separada em sílabas, que o analfabeto geralmente chama “pedaços”. Reconhecidos os “pedaços”, na etapa da análise, passa-se a visualização das “famílias fonéticas” que compõem a palavra geradora, ou seja, a combinação de uma consoante inicial com as demais vogais.

Após a alfabetização simples, pode-se atingir uma **alfabetização mais funcional**, que proporcione um domínio mais amplo das habilidades de leitura, escrita e cálculo. Para isso, torna-se necessária, após as palavras geradoras, uma nova etapa, com **temas geradores**, os quais permitirão maiores debates, questionamentos e crescimento, E o que Paulo Freire chama **pós-alfabetização**. Alguns exemplos de temas geradores:

- “1. a natureza e o homem: o ambiente,
2. relações do homem com a natureza: o trabalho,
3. o processo produtivo: o trabalho como questão,
4. relações de trabalho (operário ou camponês),
5. formas de expropriação: relações de poder,
6. a produção social do migrante,
7. formas populares de resistência e de luta” (Brandão, 1980).

Muito mais do que o “saber ler-e-escrever”, este método produz novos modos de pensar e agir, porém de forma coletiva, integrando todos na sociedade em que vivem. E, juntos, construirão a sua cultura, como “homens, sujeitos, seres de história”, segundo Paulo Freire.

Ao apresentar, neste método, gravuras para serem decodificadas, o coordenador exige a participação de todos, pois assim o grupo cria, aprende, pensa e reflete coletivamente. É um crescimento coletivo e não individual. Ao ser descoberto o problema principal a ser decodificado, perguntas do seguinte tipo devem aparecer constantemente: o que a gravura sugere?; por que é assim e não de outra maneira?; como poderia ser?; qual o sentido?

O início: alguma palavra chave é colocada em uma figura, como por exemplo, a palavra BENEDITO. A partir daí, mostra-se como fazer as várias separações:

Be ne di to
 be bi ba bu bo
 ne ni na nu no ficha de descoberta
 di de da du do
 to te ta tu ti

e como “montar” novas palavras: bota, botina, banana, dedo, bobo, nu, etc. Essa montagem não é fácil, iniciando-se na primeira sílaba: BE, e fazendo aparecer toda a família fonética:

Be Bi Bo Bu Ba

Em seguida o grupo conhece a segunda família através de visualização de NE:

Ne Ni No Nu Na

E assim para as demais, lembrando que, quando se projeta a família fonética, o grupo reconhece somente a sílaba que apareceu inicialmente na palavra dada. O grupo

será levado a concluir primeiramente que, numa família, todas as sílabas começam igualmente, terminando diferentemente, através das vogais. Fazendo leituras na horizontal e vertical, o grupo passa a descobrir sons vocais. A partir daí é que as novas palavras começam a se formar. Terminados os exercícios orais, os “alunos” iniciam no mesmo dia parte escrita. É necessária a participação de todos e, quando o coordenador começa a perceber cansaço entre os participantes, é hora de parar. Em casa, podem treinar mais, mesmo que criem vocábulos e não os terminem, sempre lembrando que este trabalho de escrita é difícil para o adulto sem coordenação motora.

“As dificuldades com as palavras geradoras começam a aparecer: mata, fogo, sapato são fonemas em ordem direta (consoante + vogal) e sem maiores complicações. Depois - enxada, chuva (x e. ch), roçado (o terrível ç), bicicleta, trabalho (tr e lh), bezerro (z, s, ss, ç - que língua desgraçada), safra (fr), máquina (qui, quo), armazém, assinatura, farinha (nh)”, etc (Brandão, 1986).

Uma dificuldade que pode surgir diz respeito ao alto grau de responsabilidade e preparo dos coordenadores e supervisores do grupo de pesquisadores. Não que seja dificuldade ligada à aprendizagem, mas, sim, quanto às atitudes e diálogos entre os pesquisadores e o grupo que está sendo alfabetizado. É preciso cuidado para educar e não domesticar, visto que, sendo o diálogo uma relação eu - tu, e necessariamente uma relação de dois sujeitos. “Toda vez que se converte o “tu” desta relação em mero objeto, ter-se-á pervertido e já não se estará educando, mas deformando”. (Freire, Paulo, 1979).

O diálogo não é só uma qualidade do modo humano de existir e agir. Ele é a condição deste método e é o que torna humano o homem que o vive.

“Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem, possam igualmente saber mais”. (Paulo Freire).

Bibliografia

Brandão, C.R. **O que é o Método Paulo Freire**, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.

Freire, P. **Conscientização**, Ed. Moraes, São Paulo, 1980.

Freire, P. **“Quatro Cartas aos Animadores de Círculos de Cultura de São Tomé e Príncipe”**, In. Brandão Carlos (Org.). *A Questão Política da Educação Popular*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

Freire, P. **Educação e Mudança**, Ed. Paz e Terra S.A., São Paulo, 1979.

Freire, P. **Educação como Prática da Liberdade**, Ed, Paz e Terra Ltda., Rio de Janeiro, 1971.

Freire, P. **A importância do Ato de Ler**, Ed. Cortez, São Paulo, 1980.

Freire, P. **Vivendo e Aprendendo**, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

Mizukami, M. G. N. **Ensino: As abordagens do Processo**, E. P. U., São Paulo, 1986.

Simões Jorge, J. **A Ideologia de Paulo Freire**, Ed. Loyola, São Paulo, 1981.